

## Movimento e linguagem da cultura corporal burguesa

Movement and language of the bourgeois body culture

Movimiento y lenguaje de la cultura del cuerpo burgués

Rodrigo Wanderley de Sousa-Cruz<sup>1</sup>, Priscilla Firmino Andrade de Sousa<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil

### RESUMO

A presente resenha tem o objetivo de analisar a obra *Cultura corporal burguesa: história e sistematizações pedagógicas*, de autoria do Prof. Dr. Pierre Normando Gomes-da-Silva. O livro trata a respeito de como a ginástica se tornou a educação do corpo, um componente do código de conduta fabricado pelo processo civilizador burguês, que exigiu dos indivíduos comportamentos padronizados e autodisciplinados de acordo com os parâmetros de utilidade, eficiência produtiva, moderação das emoções e abrandamento das paixões. A obra é uma releitura profunda sobre as origens da conduta corporal burguesa, atravessada pela história das sistematizações pedagógicas da ginástica na Europa e no Brasil, ao mesmo tempo que o autor inicia os primeiros passos para uma compreensão do movimento como fenômeno de linguagem, que culminaria, *a posteriori*, no surgimento da Pedagogia da Corporeidade.

**Palavras-chave:** Cultura corporal; Conduta motora; Ginástica

### ABSTRACT

The present review aims to analyze the work *Bourgeois body culture: history and pedagogical systematizations*, authored by Prof. Pierre Normando Gomes-da-Silva. The book deals with how gymnastics became the education of the body, a component of the code of conduct fabricated by the bourgeois civilizing process, which demanded standardized and self-disciplined behavior from individuals, according to the parameters of usefulness, productive efficiency, moderation of emotions, and softening of passions. It is a deep rereading of the origins of bourgeois body behavior, through the history of the pedagogical systematization of gymnastics

in Europe and Brazil. At the same time, it initiates the first steps towards an understanding of movement as a language phenomenon, which would culminate, a posteriori, in the emergence of the Pedagogy of Corporality.

**Keywords:** Body culture; Motor behavior; Gymnastics

## RESUMEN

---

Esta reseña tiene como objetivo analizar la obra "Cultura del cuerpo burgués: historia y sistematizaciones pedagógicas", del Prof. Dr. Pierre Normando Gomes-da-Silva. El libro trata de cómo la gimnasia se convirtió en la educación del cuerpo, un componente del código de conducta fabricado por el proceso civilizatorio burgués, que exigía de los individuos conductas estandarizadas y autodisciplinadas, según los parámetros de utilidad, eficiencia productiva, moderación de las emociones y el ablandamiento de las pasiones. Es una profunda relectura de los orígenes del comportamiento corporal burgués, atravesada por la historia de las sistematizaciones pedagógicas de la gimnasia en Europa y Brasil, al mismo tiempo que el autor da los primeros pasos hacia una comprensión del movimiento como fenómeno del lenguaje, que culminaría después con el surgimiento de la Pedagogía de la Corporeidad.

**Palabras clave:** Cultura corporal; Comportamiento motor; Aptitud física

## 1 INTRODUÇÃO

O livro *Cultura corporal burguesa: história e sistematizações pedagógicas*, publicado em 2012 pela Editora Universitária da UFPB, de autoria do Prof. Dr. Pierre Normando Gomes-da-Silva, aborda como a ginástica se tornou a educação do corpo, constituindo-se num componente do código de conduta fabricado pelo processo civilizador burguês, que exigiu dos indivíduos comportamentos padronizados e autodisciplinados de acordo com os parâmetros de utilidade, eficiência produtiva, moderação das emoções e abrandamento das paixões.

O autor expõe de forma detalhada em 323 páginas o contexto histórico que originou a ginástica, que foi num modo de produção capitalista e por meio do aburguesamento cultural, e o que ela intencionava pedagogicamente: reeducar as condutas morais por meio da verticalização corporal. Ele também investiga nessa obra o saber transplantado da Educação Física da Europa (1774-1889) e seu transplante para o Brasil (1822-1930), e o quanto esses exercícios ginásticos formaram uma conduta motora em oposição à cultura corporal popular, pagã e erótica.

Gomes-da-Silva (2012) apresenta já na introdução conceitos interessantes e problematizadores, como a relação da conduta motora com o processo civilizador. Segundo

o professor, o corpo realizando movimentos pedagogicamente padronizados constitui uma conduta motora, que é expressão do processo civilizador da época. Sua inquietação enquanto pesquisador é tanto explicar a significação sócio-histórica e simbólica dos movimentos, quanto também entender a unidade entre uma mentalidade sociocultural e a ação motora, percebendo o vínculo entre o modo de exercitar o corpo e a tradução social dos afetos.

Nessa obra, o corpo em movimento é analisado a partir dos mecanismos de controle social, apresentando uma maneira de tratar o movimento por um conjunto de exercícios, com o uso ou não de aparelhos, denominada de "ginástica". A ginástica foi a primeira sistematização pedagógica do que, *a posteriori*, levaria o nome de "Educação Física", e nasceu desse empreendimento político de moldar uma conduta corporal que colaborasse com a modelagem do comportamento burguês. Os sistemas ginásticos são interpretados como um componente econômico-cultural-pedagógico que contribuiu na implantação de um novo modo de viver e conviver, na medida em que era capaz de imprimir nos corpos os novos códigos sociais: verticalização, simetria e higiene. Assim, o autor traz uma relevante contribuição para a área da educação, e da educação física em particular, ao olhar para as proposições de ginástica do século XIX, na Europa e no Brasil, não só pelas características dos exercícios ensinados, mas também como uma corporeidade sendo modelada pelo projeto de sociedade. Fica implícito: o modo como nos movemos é também o modo como interagimos no mundo.

## **2 CONTEXTO SOCIOCULTURAL DA CONDUTA CORPORAL BURGUESA**

O autor explica que foi num contexto de transformação do modo de produção capitalista e do código de conduta que se elaborou a primeira formulação da ginástica na modernidade, no fim do século XVIII, por meio de uma formulação curricular das Escolas Filantropinas, nos estados germânicos, que eram guardiãs do ideário iluminista proposto por Locke e Rousseau. Ele ainda destaca os pressupostos educacionais de John Locke (1632-

1704) e de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), identificando a contribuição destes para o papel social da escola e para a educação e o corpo.

Este capítulo apresenta uma análise da ginástica praticada nessas escolas, partindo da sua vinculação com o ambiente sociocultural e com o ideário educacional da época, significando um conjunto de exercícios físicos que já eram praticados e outros que foram formulados.

O autor destaca o período histórico a partir da segunda metade do século XVIII por se tratar do momento em que as Escolas Filantropinas estruturaram seus currículos, incluindo a ginástica como prática curricular institucionalizada. O período de funcionamento da Escola Filantropina (1774-1793), em particular a "ginástica filantropina", é analisado a partir de dois pontos de vista: político-econômico e civilizador.

A respeito do ponto de vista político-econômico, o texto enfatiza que o surgimento de um novo modo de trabalhar suscitou em um novo modo de instruir e em um novo modo de movimentar o corpo. A partir disso, obteve-se o desenvolvimento da fábrica e da supressão das corporações de artes e ofícios e, conseqüentemente, da aprendizagem artesanal como forma popular de instrução. Nesse momento, inicia-se a instrução moderna, por uma instituição escolar pública, validando a ideia de que fábrica e a escola nascem juntas.

O autor ressalta que, a partir da década de 1770, a aprendizagem tendia a não ser mais familiar, muito menos religiosa, uma vez que, nesse momento, as ordens religiosas começaram a perder a exclusividade para falar de educação, e o processo de formação do homem não era mais dirigido exclusivamente pela igreja. Então, a educação passou a ser discutida por enciclopedistas. Além disso, vale destacar que essa proposta educacional tinha dois princípios, sendo eles: que a instrução deveria ser laica e estatal, e que, além disso, deveria ser distinta para cada classe social, demonstrando o ponto de vista civilizador do *Philantropinum*.

Essa escola foi a realização das propostas pedagógicas de Basedow, que fez uma reforma no modo de organização das disciplinas e nos métodos de ensino. O autor destaca um dos discípulos de Basedow, Cristian Gotthilf Saltzman (1744-1811), que, no ideário de

formar homens sadios, cultos, bons e felizes, criou o Instituto de Schnepfenthal e nele foi sistematizada a ginástica pela primeira vez, com base nas formulações de Guts-Muths.

### **3 AS SISTEMATIZAÇÕES PEDAGÓGICAS DA CULTURA CORPORAL BURGUESA**

O autor discute os três movimentos ginásticos — o alemão, o sueco e o francês — a partir das concepções de sociedade, de educação e de corpo em movimento, destacando como contraponto a concepção de educação em Karl Marx, que, na mesma época, incluía a ginástica em suas elaborações.

De forma didática e minuciosa em tópicos, Gomes-da-Silva (2012) organiza os movimentos de cada escola ginástica a partir de suas sistematizações pedagógicas — objetivos educacionais, conteúdos programáticos e procedimentos de ensino —, além de incluir suas repercussões sociais para os respectivos países.

Nesse sentido, o autor inicia pela ginástica alemã, a partir do programa de Jahn (1778-1852) na primeira metade do século XIX. Essa proposição estabeleceu uma correspondência entre a escola e o exército como “natural” e “necessária” para a formação do homem alemão, e tinha como objetivo educacional um conjunto de atividades físicas capazes de imprimir no corpo e na alma dos jovens alemães um forte espírito nacionalista. Segundo o autor, Jahn não só estava propondo um sistema de exercícios, mas estava também oferecendo uma significação política e civilizatória em nome de uma “juventude saudável”. Os conteúdos programáticos propostos foram elaborados a partir de simulações de guerra: a marcha; o desempenho no “cavalo”; a luta “braço a braço”; as esquivas; e a desenvoltura na superação dos obstáculos. Os procedimentos metodológicos tinham recomendações claras: o aluno deveria ser tratado como soldado, sendo levado à exaustão, e o professor como instrutor de tropa. Os aparelhos de ginástica, para atender as necessidades da guerra, eram barras fixas, barras paralelas e cavalo.

Na sequência, o autor apresenta o método ginástico de Spiess (1810-1858), aquele que organizou a ginástica escolar a partir de suas experiências como professor na Suíça.

Esse sistema de ginástica não só foi reconhecido pelo governo, mas também foi adotado oficialmente a partir da segunda metade do século XIX. Tinha como ênfase pedagógica o ensino da técnica de movimentos simétricos e angulares, realizados de modo mecânico, cuja finalidade era educar meninos disciplinados a realizarem bem os exercícios demonstrados. Os conteúdos programáticos da ginástica de Spiess, segundo Gomes-da-Silva (2012), eram agrupados em três categorias: exercícios livres, exercícios com aparelhos e marchas. Um procedimento metodológico que merece destaque do autor é a adequação dos exercícios à idade e ao sexo. Sendo assim, dividia os exercícios em quatro graus de dificuldade para diferentes idades, distinguindo uma estrutura pedagógica correspondente.

Essa sistematização foi ampliada por Ling (1777-1839) quando, em um contexto de doenças, vícios e guerras que assolavam os suecos, se propôs a reverter esse quadro social a partir do sistema de ginástica, que era capaz de interferir nos hábitos higiênicos da saúde individual e coletiva. Gomes-da-Silva (2012) analisa a propagação dessa ginástica para outras culturas na medida em que seu objetivo educacional era o desenvolvimento da ordem fisiológica (saúde) e da ordem moral (robustez e pureza de vícios). Os conteúdos programáticos estavam classificados nos seguintes subsistemas: para a "ginástica militar", exercícios de tiro e esgrima; para a "ginástica médica", exercícios de compensação e corretivos; para a "ginástica estética", feminina, movimentos suaves, incluindo a dança. Nos procedimentos metodológicos, discriminava várias tarefas para o professor, com ênfase na preocupação com a atividade respiratória.

Por fim, o autor apresenta a ginástica francesa em seus dois aspectos: com características militares e com características cientificistas. Essa sistematização pedagógica aconteceu a partir da chegada, em 1814, do exilado militar Francisco Amoros y Ondeano, que, partindo de suas experiências de aplicação de exercícios no Ginásio Normal Militar — uma escola para instrutores do exército — sistematizou sua ginástica. Os conteúdos programáticos consistiam na seleção de exercícios que melhor se adequassem às necessidades úteis da vida. Os exercícios selecionados foram os exercícios elementares, semelhantes aos exercícios analíticos, que consistiam em

exercícios graduais de braços, pernas e ritmo, com atividades de flexão, elevação, marcha, saltitamentos, equilíbrio, exercícios de força e luta. Os exercícios, aplicados ou com aparelhos, consistiam em atividades de salto em altura, profundidade ou distância, com ou sem arma, e em exercícios nas barras paralelas, pranchas, cordas, de exercícios em escadas ou em pranchas horizontais, verticais ou inclinadas, entre outros.

No tocante ao “cientificismo”, o autor apresentou a ginástica de Demeny (1850-1917) como aquela responsável por sistematizar os exercícios para a escola pública na França. Com forte inclinação fisiológica — proporcionar um significativo esforço físico com menor desperdício de energia —, o objetivo educacional delineado era o aperfeiçoamento humano, compreendido como a obtenção de saúde, beleza, destreza e virilidade. A seleção dos exercícios estava vinculada à contração muscular e ao gasto energético. Quanto à orientação metodológica, a aula deveria ser completa para o professor — executar todos os exercícios com ordem — e útil para o aluno — seguindo uma graduação em esforço físico e complexidade do movimento.

Na última parte desse capítulo, Gomes-da-Silva (2012) não intenciona comentar sobre o conceito de sociedade capitalista, luta de classe, mais-valia, trabalho, entre outros, mas situa a pequena consideração que Karl Marx fez sobre a ginástica no seu projeto educacional de formação dos trabalhadores. Numa crítica à educação burguesa, que objetivava uma educação individualizada e alienante, Marx propôs uma educação que partisse da vida prática e da sensibilidade dos jovens para a coletividade em detrimento dos interesses individuais. Nessa direção, sugere uma educação tecnológica: o aluno aprenderá tanto os princípios científicos do processo de produção, quanto a manipulação dos instrumentos da indústria e uma ginástica que abrangesse o corpo, como força produtiva e sensibilidade e social. Para isso propõe, exercícios ginásticos e militares, não especificando em que consistiam essas atividades, de modo que Marx, ao que o autor indica, suscitou um outro paradigma para os exercícios, mas sua proposição deixava entender a manutenção do método de Jahn, juventude forte e saudável, que em nada se distinguia da conduta corporal burguesa vigente.

#### **4 A CULTURA CORPORAL BURGUESA TRANSPLANTADA NO BRASIL**

Ao contextualizar a formação da sociedade nacional, o autor analisa como a independência e a economia cafeeira funcionaram como agenciamento de oposição à codificação colonial monárquica, patrimonialista e escravocrata, na medida em que absorviam modelos econômicos e culturais europeus, incluindo o modelo educacional do corpo, denominado ginástica. Aqui são identificadas as características das transplantações dos sistemas europeus de ginástica e quem foram os primeiros a receberem essas transplantações no Brasil.

Ao tratar dessas transplantações, o autor nos revela que, em plena metade do século XIX, a educação no Brasil atingia um número muito reduzido de pessoas, isso porque era direito apenas para homens e pessoas livres; portanto, as mulheres eram marginalizadas do processo. Enquanto na Europa os três sistemas ginásticos (alemão, sueco e francês) já estavam organizados e implementados nas escolas, foi só na segunda metade do respectivo século que a atividade corporal recebeu efetiva relevância pedagógica e política na sociedade brasileira. Dentro de um contexto de transformações econômicas e culturais, o objetivo era “alcançar os países cultos”.

Gomes-da-Silva (2012) elucida que a introdução de uma cultura motora europeia e de uma elaboração pedagógica iluminista foram inseridas no Brasil por vários motivos, dentre os quais destaca:

a) ordem econômica: para atender o modelo industrial precisava-se criar uma cultura moderna, em que a atividade corporal ou o esforço físico não eram próprios dos escravos, pelo contrário, pertencia ao branco europeu moderno;

b) presença de imigrantes, cuja formação sociocultural abrangia a instrução intelectual, moral e física, e as práticas corporais eram elemento de sua identidade étnica;

c) aspiração nacional em assemelhar-se a um povo “culto e desenvolvido”, daí que a ginástica deveria ser adotada em detrimento às “misturas” étnicas sofridas no Brasil.

Nesse último ponto, o autor enfatiza o esforço político educacional para suplantar culturalmente a conduta corporal popular. A prática corporal da capoeiragem foi rechaçada

pelo governo, sendo associada à vadiagem, combatida com forte repressão policial e criminalizada oficialmente, inclusive tendo um capítulo no decreto do Código Penal Brasileiro de 1890. O capoeirista, além de ser vadio, era tido como arruaceiro que causava tumulto e desordens, sendo apresentado como uma ameaça social; portanto, uma preocupação à segurança pública.

É nesse contexto que o autor discute a transplantação dos métodos ginásticos europeus como pertencentes de uma conduta motora de movimentos estereotipados, analíticos e rigidamente executados em oposição à conduta motora festiva, mística, de movimentos flexíveis, com molejos desconcertantes e gingados maliciosos. Esses jogos e danças ociosos e brincalhões de modo algum se adequariam aos movimentos dos corpos nas fábricas.

A cultura corporal popular brasileira, em destaque a capoeiragem, contava, em seus movimentos, com inúmeros artifícios, fosse para enganar o adversário, fosse para atrair a força espiritual. Uma movimentação rica em simbologias, com gestos que representavam o reverso da verticalidade europeia da ginástica. Colocar as pernas para o ar, num golpe, também significava buscar a sublimidade no chão.

Abre-se um parêntesis para destacar que na Inglaterra a conduta motora predominante, na mesma época, ao contrário dos exercícios ginásticos, era a prática de jogos (*sport*), cuja sistematização pedagógica dos esportes náuticos (natação e remo), lutas (esgrima) e jogos (basquete, tênis e futebol) foi inserida no currículo escolar brasileiro décadas após a 2ª Guerra Mundial.

Sobre os agentes transplantadores da cultura corporal europeia para o Brasil, Gomes-da-Silva (2012) alerta que essa cultura não se instalou de maneira abrupta. Ao contrário, as sistematizações foram se instalando em diferentes regiões do país e em diferentes contextos histórico-culturais. No caso da ginástica alemã, os agentes principais da transplantação foram os imigrantes, privilegiadamente no estado do Rio Grande do Sul, no momento histórico do Brasil Império. Talvez tenha sido a primeira conduta motora europeia a se instalar no Brasil, precisamente na primeira metade do século XIX, por meio das “sociedades de ginástica” e das instruções militares. Quanto à ginástica sueca no Brasil, o autor se detém

um pouco mais devido a essa ter sido a proposta que teve maiores repercussões políticas em nível nacional, contando com a defesa de médicos e políticos liberais. Também porque foi a partir desse projeto pedagógico que emergiram sistematizações brasileiras. A ginástica francesa teve um núcleo de transplantação no estado de São Paulo, devido à missão militar francesa que capacitou a polícia local.

## **5 A PRIMEIRA SISTEMATIZAÇÃO PEDAGÓGICA DA CULTURA CORPORAL BURGUESA NO BRASIL**

Foi no contexto entusiástico de educação nacional e da disciplinarização moral que a primeira sistematização pedagógica da conduta motora burguesa foi elaborada e adotada oficialmente no Rio de Janeiro. É um capítulo em que o autor explica como esse método serviu ao projeto de regeneração do corpo por uma educação nacional, no contexto da República. Ao acrescentar uma vigorosa discussão sobre os assuntos educacionais ao término do Império, destaca diversos autores e cita várias obras, enfatizando como a ideologia da “alavanca para o progresso” pelo processo educacional ou pela escolarização se tornou um lema nacional, em nome da regeneração do homem e toda a sociedade.

Ao analisar o texto de José Veríssimo, “A Educação Nacional”, Gomes-da-Silva (2012) elenca três motivos para mostrar o lugar da Educação Física no livro — compreendida como uma prática “higienista” —, na qual se introduziria a ginástica sueca e jogos estrangeiros no ensino básico, bem como os esportes nas “academias” do Brasil. São eles: primeiro, porque esse texto inaugurou a República, tendo sido publicado em março de 1890; segundo, porque nele há uma defesa explícita da sugestão de uma proposta educacional que viabilizasse o projeto sócio-político da República; terceiro, porque busca nas propostas de reformulação das disciplinas curriculares atender a uma educação nacional.

Na sequência, o autor nos mostra com riqueza de detalhes e com muito fôlego de discussão, o *Compendio de gymnastica e jogos gymnasticos escolares*, de Arthur Higgins,

publicado em 1896. Essa foi a primeira sistematização pedagógica que se tornou livro didático, que com aprovação oficial e gozando de popularidade recebia elogios da imprensa a cada reedição publicada.

A origem do interesse de Higgins pela “ginástica higiênica” residiu quando se tratou de uma tuberculose, quando jovem, com a prática de exercícios ginásticos suecos. A segunda edição da obra, de maneira definitiva, foi alterada para *Compendio de gymnastica escolar*, um método sueco-belga-brasileiro. A influência sueca fica explícita uma vez que utiliza de forma demasiada os exercícios ao ar livre, típicos da ginástica de Ling, para melhoria da condição respiratória. Não fica clara a influência belga, mesmo citando esparsamente o autor Dox. E deixa transparecer que o método é também brasileiro, em função das terminologias criadas, a invenção de exercícios e a introdução de alguns jogos, chamados “jogos ginásticos”.

A compreensão de corpo em movimento no *Compêndio*, segundo Gomes-da-Silva (2012), pode ser ilustrada e descreve o corpo em movimento como a engrenagem de uma máquina. Os movimentos são classificados como flexíveis (flexão e extensão), inflexíveis (rotação, pronação, supinação, abdução, adução, elevação, abaixamento, oscilação e circundução) e mistos (distensões e extensões executadas com energia).

O objetivo educacional da proposta era aperfeiçoar as faculdades físicas e intelectuais dos homens nos aspectos higiênicos, estéticos e econômicos. Assim estabelece funções da ginástica educativa: formar um homem saudável e “civilizado”; portanto, prático, útil e trabalhador. Quanto aos conteúdos programáticos, classificou a ginástica escolar, de acordo com as especificidades de exercícios, em três modos: ginástica sistemática, ginástica de aparelhos e ginástica recreativa, sendo essa última dividida em duas séries de jogos: jogos ginásticos comuns aos dois sexos e jogos ginásticos privativos do sexo masculino. No tocante aos procedimentos metodológicos, o autor explicita, para além das 10 recomendações didático-pedagógicas para os docentes, a predileção de Higgins pelo ensino por comandos à turma e pela adequação dos exercícios pela condição física do aluno, não pelo seu grau de escolaridade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão do trabalho, Gomes-da-Silva define “a ginástica como um elemento componente do código de conduta burguesa” (2012, p. 306) ao reafirmar o lugar do que veio denominar-se de Educação Física no currículo escolar, como decorrente das reformas educacionais, derivadas das transformações econômicas, culturais e políticas. Também ratifica como o projeto educacional burguês ofertou um “espírito nacionalista”, patriótico, de produtividade e disciplina religiosa, quando vinculou a prática de ginástica ao ar livre à construção de hábitos comportamentais racionalizados. Portanto, como essa conduta motora, iniciada nas escolas filantropinas, serviu para combater os “exageros” do corpo (embriaguez, promiscuidade sexual e hábitos boêmios) no Brasil, caracterizou-se também por se opor ao popular, ao festivo, enfim, aos tradicionais jogos e danças da cultura corporal popular, pagã e erótica.

Após uma década da publicação da obra, percebemos sua atualidade e relevância, pois estamos em um momento político-econômico-social brasileiro em que há uma hegemonia e predileção de algumas poucas religiões e de um discurso nacionalista patriótico exacerbado, em detrimento às diversas manifestações religiosas de origens indígena e africana, e ainda mais um desprezo pela cultura popular, que possui características étnicas, de gênero e sociais resistentes ao modelo opressivo vigente. Por isso, indicamos a leitura e a análise dessa obra como imprescindível para graduandos, pós-graduandos, professores da educação básica e do ensino superior, e pesquisadores da educação, da educação física em particular, e áreas afins.

Ademais, este livro inicia os primeiros passos de teses futuras para a compreensão da linguagem do movimento, compreendendo que a repetição de situações de movimento (exercícios ou jogos) modula condutas motoras e emocionais. E, como numa disputa de linguagens culturais, umas tentando suplantar outras e configurar existências pessoais e grupais, preanuncia a teoria da Pedagogia da Corporeidade.

## REFERÊNCIAS

GOMES-DA-SILVA, P. N. **Cultura corporal burguesa**: história e sistematizações pedagógicas. João Pessoa: Editora UFPB, 2012.

**1 – Rodrigo Wanderley de Sousa-Cruz** (Autor correspondente)  
rodrigousacruz@gmail.com

**2 – Priscilla Firmino Andrade de Sousa**  
pryscillafirmino@hotmail.com

## Como citar este artigo

SOUSA-CRUZ, R. W; SOUSA, P. F. A. Movimento e linguagem da cultura corporal burguesa. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 41, p. 01-13, 2023. DOI 10.5902/2316546472025. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499472025>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.